

COMMERCIO DO MINHO

4.º ANNO 1876

FOLHA COMMERCIAL, RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 454

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franco de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Annuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA — TERÇA-FEIRA 9 DE FEVEREIRO

Londres, 9 de janeiro de 1876.

(A' redacção do «Apostolo».)

(Conclusão)

O doutor Pusey, todavia, não leva tão longe o seu protestantismo, nem está disposto a renunciar a cousas essenciaes, que até agora creu como christão, só para satisfazer ao orgulho politico e faisaico dos Anglicanos. Foi tambem a Bonn, é verdade, mas, como não ia só buscar pretexto para fazer mais guerra ao Papa; e sim ver se na tal reunião de Christianismos diversos encontrava nexo decente para formar uma especie de Catholicismo que oppor ao verdadeiro e ao Papa; quando viu que estava enganado, e que em toda aquella miscelanea não havia verdadeiramente outro nexo senão o grito de Guerra a Roma!, não encontrou n'isso motivo bastante para contiuar associado á tal ménagerie. Eis aqui, pois, os fundamentos que o dr. allega para não querer unir-se á petição que outros anglicanos andam tratando de fazer assignar, com o objecto de caldearem n'uma só as heresias oriental e occidental. Resumirei quanto possa:

1.º—Porque (ainda que isso não entra na intenção dos que fazem a petição) ella prepara em realidade o caminho para o abandono da expressão da nossa creença no modo d'existencia do Deus Todo-Poderoso — *id est* em Deus como Elle é.

2.º—Que a questão de abandonar a expressão da nossa creença que temos tido por 1:200 annos pelo menos, desvairaria muito os animos do nosso povo, e tal abandono, seria seguido no acimo pratico inglez, pelo abandono da propria creença mesma.

3.º—Porque uma das proposições em que se nos pede consintamos, é desvairante, e propria para excitar preocupações contra a verdade; pois que a recepção do credo Niceno—Constantinopolitano na Igreja do Occidente—em si mesmo, juntamente com a addição do *filioque*, não é ecclesiasticamente mais irregular do que as addições ao credo de Nicea pelo Concilio de Constantinopla, Concilio inteiramente grego; para o que se necessitava no Oriente. O credo foi tambem recebido com acresceto, sob a impressão de ser o credo, acrescentado pelo Concilio.

4.º—Que outra das proposições é contradictoria a nossos credos e artigos, em dizer *absolutamente* que o Espirito Santo não procede do Filho, quando elles declararam, que «procede do Padre e do Filho».

5.º—Que procedimentos quaesquer da parte da Igreja inglesa respectivamente aos credos n'esta grande verdade, seriam inteiramente inuteis quanto ao objecto allegado, ao acabar com as nossas tristes divisões; pois que ha outros pontos graves que impediriam a Igreja Oriental de acceitar a nossa communhão, tanto mais quanto nós nos achamos ainda tão divididos entre nós mesmos.

6.º—Que devendo ser um principio capital, o não dever em religião decidir-se cousa alguma por maiorias, e ser isso uma das accusações que fazemos ao Concilio do Vaticano, o ter a maioria decidido contra uma consideravel minoria em determinar uma nova materia de fé, é manifesto, que na Igreja inglesa tambem, mesmo a maioria não está disposta a entrar em communhão com a Igreja Oriental, não sabendo que consequencias isso involveria para nós mesmos.

7.º—Que ainda quando semelhantes

negociações não acabassem (como eu proprio julgo provavel) pela dissolução da Igreja inglesa, augmentariam, enquanto durassem, as divisões entre nós mesmos, antes que promover a união com a Igreja Oriental, e que, correndo atraz da sombra, como o cão da fabula, perderiam a substancia.

Conclue o doutor Pusey por dizer, que é melhor deixar as cousas como estão; que não julga fosse a differença no credo o que motivou a divisão entre as Igrejas Oriental e Occidental; mas sim a auctoridade que a ultima quiz arrogar sobre os Patriarchas Orientaes.

Não sei se o «Apostolo» e seus leitores se enfastiarão com esta carta, assim toda sobre uma questão ecclesiastica; porém guiando-me naturalmente por meu proprio juizo quanto á importancia das questões e objectos a estas localidades relativos, e sobre tudo connectos pelo mais poderoso dos vinculos moraes—a Religião—com o resto do mundo; em que a Inglaterra exerce uma tão enorme influencia moral e material; parece-me de importancia maior a attender a pontos assim, antes que relatar occorrencias de leve e passageiro interesse.

II.—Reverterei porém ainda áquelle monstruoso caso de Bremerhaven, não só pela excepcional atrocidade que o domina, mas pelas successivas importantes revelações a que vai dando lugar; todas mais e mais manifestando a pestilente influencia que estão exercitando na sociedade humana as infernaes sociedades maçonicas—sob diversos nomes e pretextos, mas sendo todas a mesma peste.

A este respeito tem apparecido nos papeis varias communicações por onde se vê, entre outras cousas, positivamente, que a tal familia se arrega o poder supremo de condemnar secretamente á morte as pessoas que lhe faz conta; que encarga da execução de seus decretos assassinos um ou mais membros da seita, que não podem escusar-se da honrosa missão de algozes. Isto quanto á conducta; quanto ás doutrinas facil é d'estes factos conjecturar quaes ellas sejam; e salta aos olhos da razão, que uma seita ou sociedade capaz de semelhantes procedimentos, não pôde crer em Deus ou Santa Maria, em ceo ou inferno, em penas ou recompensas futuras. Que consequencias d'ahi devem diccionar para a sociedade humana, e para as nações, é facil de conjecturar.

No «Times» tem apparecido umas correspondencias de pessoa sem duvida conhecida e fidedigna (pois sem isso, o mesmo «Times» não teria publicado os documentos, nem commentado sobre elles como o tem feito), onde se citam positivamente casos de semelhantes amabilidades maçonicas. Um sujeito que tem ordem maçonica de assassinar outro, espera-o n'uma viela retirada; passa outro que não é a designada victima, e é morto por engano—á saude da amavel maçonaria. Outra pessoa é igualmente condemnada; manda-se-lhe o presente de duas garrafas de vinho generoso mas adubado com um veneno subtil e atrocissimo. Um pobre rapazito é mandado com o presente; tenta-se no caminho a provar o conteudo de uma das garrafas e em poucos minutos é victima da sua glordice e do crime dos maçons, que enviavam o bonito regalo!

Estes dois exemplos bastaram para amostra E' verdade, estou d'isso escurecido, que muita boa gente, e incapaz de commetter atrocidades assim, entra na seita, enganada e illudida; por isso mesmo que é boa e conhecida por tal, se induz com falsos pretextos e representações mentirosas, a entrar na innocentiña sociedade. Faz-me isto lembrar as chocas dos chocalhos grandes, que ha 50

annos eu via servirem em Lisboa, para enganar os touros bravos, e conduzil-os ao matadouro.

III.—Espera-se todos os dias grande conflicto na Hispanha, entre os affonsinos e calistas. O governo anti-hispanhol de Madrid vai mandar forças em numero 3 a 4 vezes maior que o dos carlistas, e todavia, creio que a provabilidade da victoria no combate está por estes.

D. Carlos nomeou o brigadeiro Boet para commandar as tropas que voltaram do exercito do Centro, que tão mal se achou com Dorregarez. Ao tomar o commando Boet fez uma breve proclamação a estes soldados que conclue assim:

«Voluntarios, filhos valorosos da Hispanha Catholica, é preciso ou vencer ou morrer. Vencendo salvaremos a patria; succumbindo por ella, deixaremos nobre exemplo a nossos successores; em todo caso, Deus, por cuja causa combatemos, recompensará largamente nossos sacrificios. Vosso commandante general—Carlos G. Boet.—O resto da falla é menor que esta conclusão.»

A. R. SARAIVA.

Noticias d'Hispanha.

Tambem não recebemos hoje correspondencia de Madrid.

Disse-nos o telegrafo que Primo de Rivera se havia apoderado do forte de Santa Barbara, facto giganteo que foi celebrado n'um supplemento á «Gaceta» de Madrid. Ora averiguadas as contas, ficou-se sabendo que o forte tomado é uma pequena ermida dedicada a Santa Barbara, que fica á saída de Oteiza e não tem nenhuma importancia strategica!

Dando tal importancia a este glorioso feito d'armas, pertendiam os affonsistas fazer acreditar que o ponto tomado era o forte que fica nas proximidades de Puente la Reina e que é importantissimo. Coitados! vivem do embuste, não ha que estranhar.

Pelas proprias noticias dadas pelos liberaes de cá, infere-se que o termo *victoria* corresponde, no dictionario d'aquelles, a—derrota. Todavia, por mais que procurem desfigurar em proveito proprio a verdade dos factos, não o conseguem, porque o fazem de modo tal, que bem deixam ver a ruindade do conselho do patriarcha de Ferney.

Os ultimos telegrammas publicados por alguns d'esses jornaes, dão-nos a agradável noticia de ter sido completamente batido o general Morales de los Rios, quando atacou as forças carlistas que occupam Arratzain e Mendizorrat. A lucta foi terrivel, por vezes de braço a braço, tendo os assaltantes de retirar depois de soffrirem consideraveis perdas.

Os mesmos telegrammas confessam que Primo de Rivera teve grandes perdas entre os seus soldados, nas quaes se torna sensivel a morte de dois dos seus ajudantes.

Encontramos no «Mondes» uma parte de Hendaya, em 31 do passado, que é assim concebida:

Um telegramma de Tolosa, datado de hoje ás 10 h. e 5^o m. da manhã, annuncia que na jornada d'hontem o general carlista Perola, depois d'um encarniçado combate, repelliu victoriosamente o ataque das tropas liberaes em Santa Barbara e Maneru, perseguindo o inimigo á baioneta até Puente la Reina.

Ao mesmo tempo, seis companhias de navarros voltando a occupar os postos avancados de Santa Barbara e d'Oteiza, depois d'uma heroica resistencia causaram aos assaltantes perdas consideraveis. O fogo dos fortes carlistas de Monte-Jurra, Apajas e San Juan tem causado grandes danos no campo inimigo.

Uma divisão affonsista que se tinha adiantado para tomar posições na direcção de Logca, viu-se forçada a bater precipitadamente em retirada. Reina grande panico em San Sebastião. O campo da batalha ficou juncado d'uma multidão de cadaveres. Numerosos feridos chegam continuamente aqui.

Não ha mais noticias d'importancia.

O «Coartel Real» publica o seguinte artigo, que dirige a todos os catholicos, realistas e homens de principios e que, por este titulo, devemos dar conhecimento aos nossos leitores:

«O duque de Madrid reivindica á face do mundo, a gloria de commandar a vanguarda do grande exercito catholico, que é o exercito de Deus, do throno, da propriedade e da familia.»

Estas notaveis palavras estão consignadas n'uma carta circular, assignada, em 20 de abril de 1872, por D. Emilio de Arjona, então secretario de Sua Magestade D. Carlos VII.

Quando o mundo politico d'ella teve conhecimento, recebeu-a com um riso escarecedor, como a expressão d'uma cabeça esquentada.

Sómente, um homem d'Estado, nosso adversario politico, soube apreciar a extensão d'estas palavras, e, escrevendo a um dos seus amigos, dizia:

O mundo ri dos desejos exprimidos pelo duque de Madrid na sua carta de 20 d'abril de 1872, os escarocedores são verdadeiramente dignos de compaixão. Estão cegos, não veem, sob estas palavras desenhar-se uma nova politica, que pode acabar como a decrepita politica da velha Europa. Se os ultramontanos appoiassem o pensamento do duque de Madrid, a Revolução seria vencida.

Este homem d'Estado tinha razão.

O que não passava d'um desejo em 1872, é um facto em 1876. O que o duque de Madrid reclamava então, obtve Sua Magestade D. Carlos VII pela força da sua vontade e das armas. Suas esperanças e promessas de então, realisou-se hoje com um exercito aguerrido e uma serie de brilhantes victorias.

A vanguarda de que fallava o duque de Madrid. Sua Magestade D. Carlos VII a commanda e já, com ella, derribou um throno, uma republica e uma dictadura creados pela revolução.

A revolução está pois proxima da sua ruina. Ah! diremos nós agora, como o nosso adversario politico então; se os ultramontanos, quer dizer os catholicos, fossem unanimes em apoiar o pensamento do Rei d'Hispanha, a revolução com todas as suas conquistas não tornaria a succumbir.

Muitos ha que fazem tudo quanto podem; alguns menos do que podem; finalmente outros que não fazem o que podem, nem o que devem.

Estes ultimos procederão assim porque não conhecem a significação das palavras de Sua Magestade? N'este caso devemos dar-lhes a explicação.

Sua Magestade quer commandar a vanguarda do exercito de Deus, do throno, da propriedade e da familia.

O exercito de Deus é aquelle que crê e defende tudo o que crê e defende a Igreja Catholica e Apostolica Romana.

O exercito do throno é aquelle que combate pela restauração d'esta grande monarchia, cujos representantes repousam ha tres seculos nos jasilos do Escorial, ao mesmo tempo pantheon, o templo elevado á grandesa de Hispanha pela parte maior dos seus reis.

O exercito da propriedade e da familia é aquelle que lucta em nome da justiça pela honra dos seus concidadãos.

Eis em poucas palavras o pensamento

do Rei de Espanha. E' um desejo constante, tenaz, inflexivel; todos os documentos dimanados d'esta augusta origem o provam, todos fallam do mesmo e reproduzem o mesmo pensamento, como se obedecessem a uma missao providencial.

Conspirando no estrangeiro, marcando mais tarde a sua linha de conducta, discutindo depois nos parlamentos, e, agora, sempre lutando como soldado, por toda a parte e em todas as epochas da sua vida agitada, Sua Magestade teve sempre o mesmo pensamento e a mesma linguagem.

A ideia dominante é Deus; e é por isso que em todas as allocuções dirigidas aos seus soldados, depois da victoria, Sua Magestade D. Carlos VII a attribue a Deus, accebe a de Deus e agradece a Deus.

A exemplo de Carlos V, depois da derrota dos protestantes nas margens do Elba, pode dizer com toda a verdade: Vim vi e Deus venceu!

Pois bem! vós outros, homens honestos de todos os paizes, vede o momento em que a causa da revolução e a causa da ordem vão jogar a ultima partida.

Que fazeis, vós que vos chamaes hispanhoes, que vos chamaes catholicos?

Se a espada pôde decidir a presente lucta, a Igreja, a justiça, e a ordem não tem presentemente outra espada que a de D. Carlos VII.

Sabemos que esta espada não pode ser vencida; mas devereis ao menos procurar a satisfação de ter ajudado para o seu triumpho. E' magnifico gosar da ordem, da justiça e do bem estar, mas é melhor ainda ser campeão d'estas grandes causas.

Na occasião em que escrevemos estas linhas, Sua Magestade El-Rei D. Carlos VII, soldado infatigavel ao serviço de Deus, do direito e da justiça, percorre as linhas, preparando os seus heroicos voluntarios para uma grande batalha. Amanhã, talvez, quem sabe se correrá o sangue d'estes valorosos guerreiros.

Que fazem durante este tempo os homens de ordem, os homens honestos de todos os paizes?

Se não sabemos o que elles fazem, sabemos ao menos o que devem fazer.

Mas, em todo o caso, Sua Magestade cumprirá o que solememente prometeu. «Não tenho ponto fixo; vou aonde o catholicismo está ameaçado, onde a honra e a justiça me chamam.»

O catholicismo está ameaçado na Europa, a honra e a justiça o reclamam na Hispanha.

SALVEMOS A HISPANHA! SALVEMOS A EUROPA!

(Do Direito).

PARTE OFFICIAL

MINISTERIO DOS NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E DE JUSTIÇA

Direcção geral dos negocios ecclesiasticos

1ª repartição

Em virtude de resolução superior se declara aberto concurso documental, pelo prazo de 30 dias, a contar de 31 de Janeiro, para provimento das egrejas parochias constantes da relação seguinte:

Boa Fé (Nossa Senhora da), concelho de Evora, diocese de Evora.

Correlhã (S. Thomé), concelho de Ponte do Lima, diocese de Braga.

Cortegaça (Santa Marinha), concelho da Feira, diocese do Porto.

Giesteira (S. Sebastião), concelho de Evora, diocese de Evora.

Manteigas (S. Pedro), concelho de Manteigas, diocese da Guarda.

Mirandella (Nossa Senhora da Encarnação), concelho de Mirandella, diocese de Bragança.

Montevil (S. Pedro), concelho de Alcaçer do Sal, diocese de Evora.

Polvoreira (S. Pedro), concelho de Guimarães, diocese de Braga.

Rio Tinto (S. Christovão), concelho de Gondomar, diocese do Porto.

Santa Cruz do Lima (Santo André), concelho de Ponte do Lima, diocese de Braga.

Villarinho da Castanheira (Santa Maria Magdalena), concelho de Carraceda de Anciães, diocese de Braga.

dando os liberaes affonsinos contra os prisioneiros carlistas.

Em casa do snr. Manoel José Vieira da Rocha, rua do Souto, se recebem todas as esmolas com que as almas compassivas queiram minorar o estado triste d'aquellas victimas da santa causa da religião e do direito.

Transporte	12\$940
Um anonimo de Braga	3\$000
Domingos José Vieira Machado	1\$000
Um anonimo	500
Antonio José Pereira Campos	500

Somma 17\$940

Mirandella, 1.º de fevereiro de 1876. — (Correspondencia d'esta secção de noticias).

Enganamos-nos redondamente quando dissemos na nossa anterior correspondencia que em alguns concelhos d'este districto, onde a opposição parece ter um nucleo mais forte, se julgava como certo o triumpho da opposição na eleição das comissões de recenseamento eleitoral. Em Villa Flor, por exemplo, venceu a lista do governo por um voto apenas de maioria, e, em Carraceda, appareceu a opposição no acto da eleição representada por cinco membros, o que indica que soffreu uma espantosa derrota.

E assim nos demais concelhos com pequenas alterações.

A opposição colligada n'este districto deve-se desenganar, que nunca poderá aspirar ao triumpho, em quanto tiver contra si uma maioria tão compacta, a qual com requenas excepções, se compõe de legitimistas, que prestam o seu apoio á politica do actual governo.

Ninguém ignora que a maioria das familias de bem de Traz-os-Montes, são legitimistas, mas em virtude da pouca união que reina no partido legitimista portuguez, como muito bem ha ponderado o illustre escriptor, B. de Seuna Freitas, em magnificos artigos inseridos no vosso jornal, que tendem de per si a dar vida e a acção ao partido, que se reputa cadaver, o liberalismo tem explorado por aqui estes elementos, que o legitimismo não sabe aproveitar e com elles está agora o governo triunfando das opposições colligadas.

Quando se compenetrará o partido legitimista portuguez da grave necessidade, que lhe incumbe, de unir todos os seus esforços contra o inimigo, de seguir o nobre exemplo dos seus correligionarios lá de fóra?

Pondo de parte a politica, que hoje em dia tem cabimento em toda a parte, julgo não será desagradavel para os snrs. redactores e leitores do «Commercio do Minho» o dar-lhes noticia, d'um celebre Moraes Neves, que ainda ha pouco tempo fazia as delicias dos leitores do «Jornal do Minho».

Este rapasheo tão idiota como ignorante, que justamente foi cognominado por vós Roque 2.º, sendo acoçado d'ahi por muitos cães, veio refugiar-se n'estes sitios, e já conseguiu que o administrador do concelho de Carraceda o nomeasse mestre escola interino da cadeia de ensino primario da Carraceda—nomeação esta que não podia ter lugar, visto que Roque 2.º (por aqui tambem já vae sendo conhecido pelo seu nome de guerra) ainda não cumpriu a lei do recrutamento.

Mas o mais interessante é, que, quando chegou a estes sitios, dizia-se ser enviado pelo centro historico de Lisboa para estabelecer centros historicos filiaes n'este districto... *Risum teneatis, amici?*—Uma gargalhada homérica acolhia por toda a parte as grotescas pertencões do ridiculo agente do centro historico de Lisboa, e o «J. do Minho» pôde-se honrar com a camaradagem de tão conspicuo partidario. Escusado é dizer que nada conseguiu, pois que ninguém de siso lhe ligou importancia.

Despeitado por isto, clamou que ia botar jornal a publico para combater o governo, e defender a opposição historica n'este districto, e especialmente o partido do snr. dr. Casimiro que é o unico (diz elle modestamente) que lhe faz sombra etc. etc., etc.

Não quero massar mais os leitores do «Commercio do Minho» com a singela narração das proesas e gentilezas do Roque 2.º—o agente (ah! ah!) n'estas partes do centro historico de Lisboa—Deixemol-o entregue a todo o peso do ridiculo, e atado ao pelourinho da ignominia.

Mas ia-me esquecendo de tornar publico uma outra proesa d'elle, qual é de levar á scena nos theatros d'esta provincia o drama «os Lasaristas», commissão esta, que particularmente, segundo elle diz, lhe foi

incumbida pelo snr. Ennes, seu correligionario!

Já anda tratando de recrutar o elenco da companhia, que, presumo, será toda escolhida na sua terra natal ou na Carraceda, onde accumula as funcções de mestre-escola, e onde primeiro será representado o drama do snr. Ennes.

Informaremos os leitores do *mise-en-scene*, que ha de ser admiravel, e resta-nos saber que papel reservará para si o snr. Neves, o protagonista principal do drama!!!

Deixando este figuracho, o intitulado chefe do partido historico d'estas paragens, digamos alguma cousa, como promettemos, sobre a divisão comareá d'este districto.

Devemos confessar que ella é muito mal vista pelo povo em geral, porque vem acabar com uma instituição, que estava radicada no animo do povo—a dos juizes eleitos—Apesar de ser uma instituição defeituosa, e um tipo de magistrado analfabeto, qual o d'um juiz eleito, todavia o povo gloriava-se de ter uma auctoridade, a que promptamente recorresse, e em cuja casa entrasse de chapeu na cabeça.

A' parte esta repugancia do povo, que se vence com utilidade e vantagens da reforma, ha tambem a notar alguns transtornos, como o ficarem algumas freguezias muito distantes dos julgados, podendo pertencer a outros com notavel vantagem. Assim no extincto concelho da Carraceda, está Villarinho da Castanheira pertencendo ao julgado da Carraceda, que lhe fica a duas leguas de distancia, e por mau caminho, podendo pertencer ao julgado da Louisa, que lhe fica a meia legua de distancia; e nas mesmas condições ha ainda mais vexames d'esta natureza para os povos.

Em Villa Flor crearam um julgado immenso, ao qual annexaram todas as freguezias do mesmo concelho, algumas das quaes ficam a grande distancia, e onde é sobretudo conveniente crear algum julgado mais. Crêmos que esta ideia teve em vista não descontentar os de Villa Flor, para lhes não deslazer a egreja e cercar os rendimentos aos empregados do julgado; mas acima dos interesses parciaes d'esta ou d'aquella localidade deve estar o bem commum do povo.

São estas as nossas ideias, que já por mais d'uma vez tivemos occasião de expender, e para as quaes chamamos a attenção do governo, que decretou esta divisão.

Espera-se de dia para dia a nomeação do pessoal, que hade compôr os novos julgados, e para cujos empregos ha uma multidão de pretendentes.

Veremos se se faz justiça nomeando os mais dignos, que não tenham só em vista sugar o sangue do povo, do pobre povo, que é quem allim sustenta toda esta machina governativa.

Pomos aqui ponto, porque esta vae longa e o tempo não está para massadas. Até á vista—Heitor.

Serões Romanticos.—Está em distribuição o fasciculo n.º 4 do romance *Os Desherdados*, publicação da bibliotheca *Serões Romanticos*. Acompanha este fasciculo um bilhete que habilita os snrs. assignantes para o premio de 5\$000 reis, um dos que aquella acreditada empresa offerece aos subscriptores dos *Desherdados*.

Frio.—Depois d'alguns dias de temperatura um pouco mais suave, voltou de novo uma friagem insupportavel. Hontem appareceram os campos cobertos d'uma grossa camada de neve, que o sol não pode derreter em muitos pontos, ainda dos mais soalheiros. Não ha memoria de frio tão intenso como este anno tem feito.

Santa Maria Magdalena.—Foi ante-hontem condusida procissionalmente para o templo da Misericórdia, onde começaram as preces *ad pelendam pluviam*, a Imagem de Santa Maria Magdalena, que se venera na sua capella no monte da Falperra.

Melhoras.—Tem experimentado algumas melhoras o ex.º snr. Alves Passos, deputado por Villa Verde e Amares, que tem soffrido grandes incommodos em consequencia d'uma queda que deu ha meses.

Eleição da Junta geral.—Verificou-se no dia 5 a eleição da Junta geral d'este districto, saudo eleitos, por 27 votos contra 9, os ex.ºs snrs.:—Visconde da Torre—Alfredo Alves Passos—Manoel Luiz Ferreira Braga—Antonio Roberto d'Araujo Queiroz Junior.

Era esta a lista dos amigos do governo, porisso devem estar furiosos os historicos d'um certo papel que por 'hi nos apparece ás terças e sextas-feiras.

Romaria.—Teve lugar ante-hontem a romaria de S. Braz na capella de Santo

Adrião do Monte, nos aros da cidade.

Foi muito concorrida, e reinou sempre boa ordem.

«Jornal de Guimarães».—Com este titulo já começou a publicar-se em Guimarães um jornal, cuja proxima apparição noticiamos ha tempos.

Missa de requiem.—No sabbado celebrou-se nos Terceiros uma missa de requiem, suffragando a alma da esposa do sr. João Baptista Lopes, ha dias fallecida.

A este acto assistiu grande numero d'amigos d'aquelle cavalheiro.

«Tribuna Popular».—Fazendo obra pelas informações d'um jornal d'esta terra,—com o qual não discutimos, porque elle apenas sabe altercar tontamente—censura-nos o nosso esclarecido collega de Coimbra, o «Tribuna Popular», por termos estranhado o voto do sr. conde de Bertandos com referencia ao projecto da reforma da Carta.

Sentimos que o collega da rainha do Mondego nos faça tão pouca justiça, socorrendo-se apenas do palavriado ouco de um papelejo, que só é forte na injuria e na calumnia.

O nosso procedimento na questão subjeita não destoa da lealdade com que sempre temos militado na imprensa.

Costumamos avaliar as pessoas pelos seus actos e não os actos pela qualidade das pessoas; e fortes com esta norma, pouco nos importa a animadversão que nos acarrete o comprimento dos nossos deveres de jornalista independente.

Nenhum resentimento temos pelo sr. conde de Bertandos, de quem somos amigos pessoais, e a quem respeitamos; se censuramos o seu procedimento na votação do projecto actua referido, é porque entendemos em consciencia dever obrar d'esse modo.

Nós não procuramos desprestigiar o sr. conde de Bertandos; referimos um facto que nos causou estranheza e mágoa.

E', ou não, verdade que o nobre conde votasse a admissão do projecto á discussão? Pede-se, ou não, n'esse projecto especialmente a reforma do artigo 6.º da Carta, em prejuizo da religião catholica? Logo não bouve da nossa parte calumnia; logo não procuramos desprestigiar o illustre titular no animo do povo bracarense, como o collega precipitadamente assevera.

Os argumentos que o «Tribuna Popular» apresenta para defender o procedimento do deputado por Braga, são justamente os mesmos que o «Jornal do Minho» expõe no seu penultimo n.º

Não val a pena refutal-os,—tão pueris os consideramos.

Só mais duas palavras.

Como entendemos pouco de sistemas parlamentares, desejavamos que o esclarecido collega de Coimbra nos deslhesse uma pequena duvida, que n'este momento nos suggeriu:

Porventura o diploma conferido pelos eleitores ao sr. conde de Bertandos e aos outros snrs. deputados que querem a reforma da Carta, da-lhes o direito d'essa reforma, em sessão ordinaria de qualquer legislatura, e em tempos normaes?

Esperamos os valiosos esclarecimentos do collega, a quem pedimos que d'orávante não se atenha muito aos chinchorros de cá, que só tem prestimo nas agoas turvas.

Furto industrial.—Na manhã do dia 4 entrou na loja do snr. Manoel Maria d'Araujo Pinto, negociante á rua do Carvalhal, um individuo chamado Antonio Joaquim da Fonseca, que apresentou uma carta firmada pelo sr. Manoel João de Paiva, na qual pedia que entregassem ao portador, seu sobrinho, lenços de seda, cachenez, uma peça de paño cru e outra de morim, tudo para amostra. O negociante ficou um pouco desconfiado do tal portador; no entanto entregou-lhe os lenços e cachenez, disendo que elle depois satisfaria ao restante do pedido.

Como, porém, a desconfiança fosse tomando vulto, mandou incontinentemente perguntar ao sr. Paiva se effectivamente lhe havia mandado alguma carta, pedindo certas fazendas; ao que o sr. Paiva respondeu negativamente.

O sr. administrador do concelho, logo que teve conhecimento d'esta *fajardice*, telegrafou para Ponte do Lima, aonde se havia dirigido o ratoeiro, afim d'este ser capturado e remetido para esta cidade.

Explosão.—Um telegramma de Paris refere que no poço Jabin das minas de Saint-Etienne houve uma horrorosa explosão. Trabalhavam alli 230 operarios, dos quaes já foram tirados 26 e entre estes dois mortos.

GAZETILHA

SUBSCRIPÇÃO

E' digno de toda a attenção o barbaro exemplo que estão

Por entre o nevoeiro!—Um sujeito ao passar a ponte do Sena, sente mão estranha introduzir-se na algibeira do seu paletot.

Agarra o ladrão pelo pulso e pergunta:—O que quer o senhor da minha algibeira?

O ratoneiro sorriu graciosamente:

—Mil perdões, julgava que era a minha. O nevoeiro é tão denso!

Tipo de preguiçoso.—X... passa a maior parte do dia na cama.

Um amigo que combinou com elle uma entrevista, não o vendo apparecer vai ás horas aprasadas procurar-o a casa, e encontra-o na cama a dormir a bom dormir.

Sacode-o e o outro abre os olhos.

—Ah! és tu? Que horas são?

—Forte mandrião, estou farto de esperar por ti, são 3 horas.

—Tres horas já! E' incrível! ia jurar que tinha adormecido agora! Nada! decididamente parece-me que durmo muito depressa...

Desgraça.—No dia 3 deu-se em Guimarães uma lamentavel desgraça nas obras da construcção do novo cemiterio, na Athouguia. Um operario que trabalhava n'uma saibreira, foi colhido por esta, que desabou, e que o deixou instantaneamente morto.

Missões catholicas.—Em uma excursão scientifica dirigida pelo dr. Mollendorf ás montanhas do N. e NO de Pekin, encontrou-se no valle de Sanyu varias aldeias habitadas por catholicos chins, estabelecidos no referido logar pelo seculo passado. As igrejas construidas sob a direcção dos missionarios catholicos participam do estilo gothico e chin, que lhes imprime um aspecto interessante.

Os chins catholicos distinguem-se principalmente pelo seu acceio, affabilidade e bons costumes.

Porto do Rio de Janeiro.—Foi declarado inficionado de febre amarella, desde o 1.º de janeiro ultimo, o porto do Rio de Janeiro.

«Comimbricense» e os Jesuitas.—(Nação). O *Comimbricense* é mysterioso! Inimigo mais fidalgo, mais frio e calculado das ordens religiosas (catholicos, de toda a especie), cremos que difficilmente se encontrará em Portugal. Sendo preciso não teremos duvida em apresentar as provas. Todavia o dicto *Comimbricense* faz de vez em quando sinceras confissões que deixam a gente pasmada e sem saber o que pensar.

Assim a respeito de Jesuitas em seu numero de 13 de janeiro:

«Em o n.º 2:969 d'este jornal, fallando dos jesuitas que estiveram em Coimbra nos annos de 1832 a 1834, dissemos que tiveram aqui um comportamento exemplar.

Esta palavra causou estranheza a um cavalheiro, nosso patricio e amigo, que foi um dos discipulos dos jesuitas, e que ha muitos annos reside em um dos concelhos da Beira Alta.

O que desde já podemos assegurar ao nosso amigo é que, desde 1834 até hoje, é a primeira pessoa que encontramos, que não classifique de *exemplar* o modo como os jesuitas aqui se comportaram. E é notavel, que quem mais justiça vimos sempre fazer aos jesuitas foram os liberaes: e na verdade bastantes motivos tinham para isso.

Era aos jesuitas que exclusivamente se confiavam os liberaes que se achavam refugiados. Nunca da bocca d'aquelles padres saiu uma unica expressão, que se inclinavam mais para os miguelistas do que para os liberaes.

Os jesuitas não pré-gavam senão o amor do proximo.

No dia 18 de julho de 1832 praticaram-se dois horribos crimes politicos em Alcarraques, d'este concelho. No domingo immediato, fez o jesuita Jorge Rouseau uma pratica sobre a caridade e o amor do proximo. As expressões eram tão vehementes, que todos viam bem que se queria refetar aos crimes ultimamente praticados.

Resultou d'ahi, que logo no dia seguinte foram o Padre Jorge Rouseau, e o prefeito dos jesuitas, o Padre Jorge Koulse, chamados á presença do conservador, o qual lhes estranhou severamente aquella linguagem, que elle traduzia como uma interferencia nos negocios politicos da epocha.

O nosso amigo diz que os jesuitas obrigavam os paes a mandar ir os filhas á sua doutrina, aos domingos. Ha de permitir que lhe digamos, que elles não obrigavam, mas sim exhortavam, a quem queria voluntariamente.

E bem desnecessaria seria tal obrigação. Todos os mentaos ao contrario do que geralmente costuma acontecer, corriam pres-

surosos para a doutrina dos jesuitas, e para as suas aulas do ensino. O carinho com que tractavam a todos era o iman que attrahia para elles a mocidade.

Ja são fallecidos muitos dos seus discipulos; mas ainda felizmente são vivos muitos, e não poucos do partido liberal, para os quaes appellamos.

Aos nomes d'aquelles que dissemos em o n.º 2:960 que ainda existiam, podemos hoje juntar mais os dos sr. Candido Alvino de Freitas Lobo, ultimamente juiz de direito de Bragança; conselheiro Diogo Pereira Forjaz de Sampaio, leute de Direito jubilado; conselheiro José Maria Pereira Forjaz de Sampaio, juiz da relação de Lisboa; José Rodrigues Amado, doutor em Medicina pela Universidade de Bruxella; José de Sousa Amado, desembargador da relação e curia patriarcal de Lisboa; Lidonio Mendes Pinto de Carvalho, bacharel formado em Direito; e Antonio José de Andrade, director da succursal do Banco Ultramarino na ilha de S. Thomé.

Que o seu viver em Coimbra não só foi exemplar, mas exemplarissimo, para nós não admite a menor duvida.

A opinião que ácerca dos jesuitas em Coimbra emitimos em 1868 em o nosso livro *Apontamentos para a historia contemporanea*, é a mesma que ainda hoje temos. Nenhum motivo veio desde então fazer nos mudar de parecer.

O historiador exerce um grave sacerdocio; e mal cumpre os seus deveres aquelle que por paixão desoatura os acontecimentos.

Leram? Pois agora saibam que se os Jesuitas se quizessem estabelecer em Coimbra, para ensinar, pré-gar, socorrer infelizes, etc, um dos maiores inimigos com quem teriam de haverse seria o *Comimbricense*.—não por culpa d'este, mas por culpa do liberalismo!...

Estrada de Famalicão a Ermesinde.—A junta geral d'este distrito votou na sua ultima sessão a quantia de 9:000,000 rs. para a construcção do lanço de estrada districtal de Villa Nova de Famalicão á estação do caminho de ferro de Ermesinde, comprehendido entre Villa Nova e Santo Thyrso, devendo o traçado passar por Landim.

Mais um planeta.—O sr. Prulo Henry, astrónomo parisiense, descobriu mais um planeta, que vem completar a conta de 157.

Nova linha telegraphica.—A camara municipal de Fafe foi auctorizada a estabelecer uma linha telegraphica entre Fafe e Guimarães.

Adeu.—O porto de Adeu, situado no mar Roxo, a 400 kilometros proximamente do estreito Babel-Mandeb, foi até o seculo XVI o emporio do commercio da India com a Arabia, Asyria e o Egypto. O descobrimento do Cabo da Boa Esperança por Vasco da Gama, trocando a direcção dos itinerarios maritimos, occasionou a decadencia de Adeu, e quando os inglezes tomaram posse d'este porto em 1839, contava sómente 1:200 habitantes. Hoje está calculada a sua população em 35:000 almas.

Os inglezes fizeram de Adeu o deposito geral do seu commercio no mar Roxo, unindo-o por varias linhas de navios a vapor a Suez, Bombay, Calcutá e Australia.

Annualmente entram e saem d'este porto mais de 500 navios de alto porte e uns 3:000 menores. O valor das importações ascende termo medio a 40 milhões de francos e o das exportações a 15 milhões.

Adeu é notavel pelas prolongadas secas. Passam ás vezes quatro annos sem que as chuvas humedecem o seu solo, e os habitantes tem que comprar a agua aos arabes. Basta porém um aguaceiro de algumas horas para que as immensas cisternas abertas nas rochas vulcanicas das ilhas, façam provisão de agua para mais de dois annos.—(Regeneração)

Aggressão.—Ante-hontem, ao terminar o baile de mascarar no theatro de S. Geraldo, um individuo, que andava de rixa velha com um pobre moço que por ahi passa a vida vendendo jornaes e cautelas, encontrando-o descuidado ferio-o tão fortemente na cabeça, que foi preciso recolhê-lo immediatamente ao hospital de S. Marcos, onde se acha em perigo de vida. O aggressor evadiu-se.

Um professor atilado.—N'uma lição de geographia:

Os alumnos procuravam afanosos na carta da Europa a cidade de Moscow.

—Imbecis! exclamou o digno professor, não sabem que foi queimada!—(J. da M.)

Casa de saúde.—Vae estabelecer-se em Visella uma casa de saúde, filial da do medico Ferreira, do Porto.

Mercado.—A camara municipal de Villa Real projecta construir um mercado fechado na cerca do extincto convento de S. Domingos.

Caminho de ferro das Beiras e Algarve.—Já está publicada a carta de lei que auctorisa o governo a mandar proceder á construcção dos caminhos de ferro das duas Beiras e do Algarve.

Actor celebre.—Falleceu em Paris Frederick Lemaitre, que passou por ser o primeiro artista dramatico d'este seculo.

Quando o cadaver era conduzido ao cemiterio de Montmartre as ruas rebentavam de gente. O saimento era composto de 4 a 5 mil pessoas, entre as quaes se contavam quasi todos os artistas dos theatros de Paris, e muitos escriptores e auctores dramaticos.

Instrucção publica.—Foi aposentado o professor primario de Faro, o sr. Antonio da Silva e Sousa.

Foi jubilado, com o ordenado de reis 400\$000, o professor de latim do liceu do Porto, o sr. Manuel Antonio Pinheiro da Fonseca.

Foram creadas as seguintes cadeiras de instrucção primaria: no logar de Aldeia da Cabeça Gorda, da freguezia do Salvador, no concelho de Beja; no logar de Viegas, da freguezia de Alcanede, no concelho de Santarem.

Adelaide Almeida Coutinho, professora vitaligia da escola de meoinas de Villa Fior—transferida, pelo requerer, para a escola de Carrizada de Ançães.

Amelia Adelaide de Oliveiras, habilitada pela escola normal primaria do Calvario—provida, por tres annos, na escola de meninas do Sobral, concelho de Moura.

Firmino Pinto Furtado—exonerado, pelo requerer, do logar de professor vitalicio da cadeira de ensino primario dos Milagres da Serreta, concelho de Angra do Heroismo, para que fôra nomeado por despacho de 21 de outubro de 1875.

José Vieira Pinto—promovido á propriedade da cadeira de Coimbra, concelho de Leiria.

Rufino de Bastos Ferreira Leal—exonerado, pelo requerer, do logar de professor temporario da cadeira de Palmella, concelho de Setubal, para que fôra nomeado por despacho de 15 de outubro de 1875.

VARIEDADES

Um cavalheiro nosso amigo, sobejamente conhecido no paiz pelos seus trabalhos litterarios, enviou-nos o seguinte epigramma. Estes versos servirão de resposta a um illustrado collega da capital que nos perguntou ha dias se os *Roques* de cá não resistiram á friagem.

EPIGRAMMA.

Ser grande póde no mundo
Todo o homem no que queira:
Até, como Mestre Roque,
Póde ser grande na asneira.

E tudo o que é grande é nobre;
Póde n'esse caso então,
Uma cabeça de burro
Collocar no seu brasão.

Não se usam leões, gamos,
E lobos? pois appareça,
Por entre essa bicharia,
Tambem d'um burro a cabeça.

Não cause isto novidade;
Nem a critica provoque;
Porque é este o distinctivo
De quanto fôr—Mestre Roque.

SAÚDE A TODOS sem medicina, purgantes nem despezas com o uso da deliciosa farinha de saúde,

DU BARRY de Londres.

27 annos d'invariavel successo

5 Toda a molestia acaba com o uso da deliciosa *Revalescière* du Barry que torna a dar a saúde, a energia, a boa digestão e o somno. Cura as indigestões,

(dispepsia) gastrica, gastralgia, flegmas, arrotos, flatos, amargor na bocca, pituitas, náuseas, vomitos, irritações intestinaes, diarrhea, dizenteria, colicas, tosses asthma, falta de respiração, oppressão, congestões, mal aos nervos, diabethe, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do alito, das bronchites, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa, do cerebro e do sangue. 75:000 curas entre as quaes contam-se a do duque de Pluskow da exc.^{ma} sr.^a marquezia de Brehan, dos doutores Manoel Saens de Tejada da Universidade de Cordova etc. etc.

Certificado do celebre dr. Rudolph Wurzer:

Bonn, 19 de Julho de 1854.

Esta ligeira e agradável farinha é o melhor absorbente; ao mesmo tempo nutritiva e restaurante substitue admiravelmente toda a medicação em muitas doenças. E' de grande utilidade, sobre tudo nas renitencias habituaes do ventre, bem como nas diarrheas, affecções nos rins e na bexiga, na pedra, irritações, inflamações, e caimbras da uretra, e bexiga, nos apertos e hemorroides bem como nas enfermidades pulmonares, bronchites, na tosse e consumpção. Tenho a convicção que a *Revalescière du Barry* tem a propriedade preciosa de curar as molestias heclicas.

Dr. Rud. Wurzer

membro de muitas sociedades scientificas.

Seis vezes mais nutritiva do que a carne sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de ¼ kilo, 500; de ½ kilo 800 rs; de um kilo, 1\$400 reis; de 2 ½ kilos, 3\$200 reis; de 6 kilos, 6\$400 reis, e de 12 kilos, 12\$000 reis.

Os biscoitos da *Revalescière* que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 1\$400 reis.

O melhor chocolate para a saúde é a *Revalescière chocolatada*; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia as carnes duras ás pessoas, e ás creanças e mais fracos, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em paus, ou em pó em caixas de folha de lata de 10 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 820 reis; de 48 chavenas, 1\$400; de 120 chavenas, 3\$200 reis, ou 25 reis cada chavena.

BARRY DU BARRY & C.—Place Vendôme, 26, Pariz; 77 Regent Street Londres; Valverde, 1, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguitas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; sr. Serzedello & C.^a Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Baral & Irmãos, rua Aurea, 12, Porto, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia 77; de Sequeira; J. Pinto; Desfré Rahir; Coimbra, V. Botelho de Vasconcellos; Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharm.; Barcellos, Ramos, pharm.; Braga, Pharmacia Maia, rua dos Chãos, Pipa & Irmão, rua do Souto, Domingos J. V. Machado, praça Municipal, Figueira, Antonio Vieira, pharm.; Guimarães, A. J. Pereira Martins, pharm.; Penafiel, Miranda, pharm.; Ponte de Lima, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.; Povoas do Varzim, P. Machado de Oliveira, pharm.; Vianna do Castelo, Afonso e Barros, droguitas; Villa do Conde, A. L. Maia Torres pharm.

AGRADECIMENTOS

Anna do Carmo da Rocha Veiga, José da Rocha Veiga e suas filhas Maria das Dores da Rocha Veiga e Amelia Augusta da Rocha Veiga, não podendo agradecer pessoalmente como desejavam a todos os ill.^{mos} e exc.^{mos} snrs. e sr.^{as} que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de seu querido irmão o revd.^o Manoel Joaquim da Rocha, conego da Sé Primaz, bem como a todos os snrs. sacerdotes que se dignaram dizer missa e assistir gratuitamente aos officios de sepultura, que tiveram logar na capella de S. Geraldo, da Sé, a 19 de janeiro ultimo, assim como ás irmandades que tiveram a bondade de acompanhar o cadaver ao cemiterio, fazem-no por este meio, significando a todos o seu indelevel reconhecimento e gratidão eterna. (2967)

Pedro José Pereira, seus filhos, e Bento José de Castro, Alexandre José Ferreira Braga, Maria de Jesus Moreira e Bento José Ferreira Braga, não podendo agradecer pessoalmente como desejavam a todas as exc.^{mas} sr.^{as} e ill.^{mos} e exc.^{mos} sr.^s que se dignaram cumprimental-os por ocasião do fallecimento de sua muito presada esposa, irmã e thia Rosa Maria Moreira Pereira e bem assim a todas as pessoas que lhe fizeram a honra de assistir aos officios fúnebres e acompanhar o cadaver até ao cemiterio, o fazem d'este modo, protestando a todos o seu profundo reconhecimento e sincera gratidão. E igualmente agradecem aos muito revd.^{os} sacerdotes que tiveram a bondade de celebrar missa e assistir ao funeral gratuitamente. (2953)

Maria José Gomes Ferreira e Maria do Carmo Gomes Ferreira, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, agradecem de todo o coração a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os e assistiram aos officios que tiveram logar na igreja dos Congregados, pela alma de seu sempre chorado primo padre Antonio José Gomes Ferreira.

E igualmente agradecem aos dignos membros que compoem a musica dos srs. Páivas, pela fineza de gratuitamente fazerem os ditos officios a grande instrumental. (2959)

ANNUNCIOS

D. Rosa Clara de Lima, moradora na rua dos Chãos, d'esta cidade, faz publico que no inventario orfanologico a que se está procedendo por fallecimento de seu irmão José Maria Lima da Silva, negociante de couro e soia, que foi da mesma rua, e pendente o alludido inventario no cartorio do sr. escrivão João Marcos d'Araujo Ribeiro, por deliberação tomada em Conselho de Familia, que teve logar no dia 3 do corrente mez de fevereiro; foi a annunciante como em posse e cabeça de casal proindiviso, auctorisada legalmente a receber todas as dividas activas, fossem da proveniencia que fossen, e outros quaes quer dividendos, direitos e acções que ao casal devidos fossen, o que a-sim faz publico para os fins convenientes.

O solicitador,

(2966) João Baptista Pereira da Silva.

PREVENÇÃO

Antonia Maria Duarte, viuva, da freguezia de S. Victor d'esta cidade, previne a todas as pessoas que não façam contracto algum com Miguel da Rocha, carpinteiro, do logar da Reigada, freguezia de Santa Lucrecia, sobre a compra d'uma morada de casas e leira que o mesmo tem e possui na dita freguezia—pois tal contracto tem por fim fugir á responsabilidade que contrahiu, e sobre si tomou do arrendamento que a annunciante fez das suas propriedades na freguezia de Crespos, a Miguel da Rocha e mulher, da mesma, sobrinho e afilhado do mesmo fiador e solidario pagador—responsabilidade que lhe pesa não só do resto da pensão relativa ao anno findo de 1875, que ainda se acha em divida, senão tambem de toda a do corrente anno de 1876—que se vence no proximo S. Miguel.—E para que ninguem allegue ignorancia se faz o presente annuncio, e mais se declara que o dito fiador já foi intimado por ordem d'este juizo em data de 31 de janeiro ultimo, para não vender taes propriedades—sob pena da mesma ser declarada nulla e fraudulenta—e sem effeito legal. (2955)

ALVIÇARAS

Quem acha-se 3 chaves pequenas todas juntas em um cadeado, perdidas na segunda feira 31 de janeiro, desde esta cidade á Villa de Barcellos, e as queira restituir, póde fazel-o em Barcellos ao sr. Antonio Narciso de Magalhães, distribuidor do «C. do Minho», e n'esta cidade nos escriptorios do mesmo jornal. (2958)

GARRAFAS VASIAS

Vende-se no Hotel Real garrafas vasias, ditas de champagne, ditas de cognac, botijas de genebra, vasias. Preços commodos.

Quem as pertender dirija-se ao Hotel Real. (2957)

MALA REAL INGLEZA

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres
Aceitando tambem passageiros de 3.^a classe para SANTOS e RIO GRANDE DO SUL com trasbordo no Rio de Janeiro

Este paquete da Companhia Mala Real Inglesa sahirá de Lisboa em 13 de Fevereiro.

Para mais esclarecimentos dirijem-se á Agencia Central no Porto, rua dos Ingleses, 23—o agente Guilherme C. Tait, e nas provincias ás agencias e correspondencias nas principaes cidades e villas.
Agente em Braga o sr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto. (N.º)



BANCO DE PORTUGAL

Faz-se publico que o dividendo do 2.^o segundo semestre de 1875 é na razão de 4 p. c. ou 20\$000 réis por titulo de 3 acções e que, para os srs. accionistas residentes em Braga, está aberto o pagamento, no Banco do Minho, todos os dias não santificados, desde as 9 horas da manhã até á 1 da tarde.

Braga 3 de fevereiro de 1876.

Os gerentes do Banco do Minho

Francisco Casimiro da Cruz Teixeira
Domingos José Soares. (2961)

FEIRA DE MARÇO EM AVEIRO

Por ordem da Camara Municipal do concelho de Aveiro, se faz publico que todos os negociantes, que quizerem concorrer á dita feira, farão ao arrematante do abarracamento, Manoel Antonio Loureiro de Mesquita, até ao dia 15 de fevereiro futuro, a necessaria requisição da barraca, designando os lanços que pertendem, sob pena de que o não fazendo até ao indicado dia não póde o mesmo arrematante ser obrigado a fazel-as.

Secretaria da camara municipal de Aveiro, 9 de janeiro de 1876.

O ESCRIVÃO DA CAMARA

Paulino Aprigio Pereira Mendes (2949)

BANCO DE VIANNA

Dividendo de 2 1/2 p. c. ou 2\$500 por acção, pagam-se á vista dos recibos provisorios dos srs. accionistas que fizeram as ultimas entradas n'esta agencia.

Braga 1 de fevereiro de 1876.

(2956) Antonio José Alves de Castro

ARREMATACÃO

No dia 20 do corrente tem de ser arrematada a casa n.º 71, 71 A, 71 B, e 71 C, na rua de S. Victor, foreira á mitra, com o fero de 575 réis. Tem lojas, armazem-sob-lojas, e tem dois andares, com bons commodos, bom quintal, e poço com agua e tanque, pertencente a Bernardino de Araujo Carvalho Reis. (2960)

VENDA DE TRENS

Bernardo José Pereira faz publico que vende a sua carreira que tem montada entre Braga e Guimarães e vice-versa, assim como vende mais tres carros de suporte e uma victoria. Além da dita carreira, vende mais 9 cavallos com os seus competentes arreios. Quem quizer comprar, dirija-se á rua das Aguas n.º 94.

Aluga-se até ao S. Miguel a casa n.º 91 sita na rua das Aguas, tem 2 andares, salas e cosinha em separada, com bons commodos para numerosa familia e tem baixos proprios para armazem ou cocheira. Quem a pertender pode dirigir-se á mesma.

Braga 31 de Janeiro de 1876.

(2950) Bernardo José Pereira.

Companhia Edificadora e Industrial Bracarense.

A direcção convida os senhores accionistas a fazer a quinta entrada de 5 por 10 ou 1250 por acção nos dias 15 a 25 do corrente desde as 10 horas da manhã até ás 2 da tarde no escriptorio da companhia no Campo de Sant'Anna n.º 71 D—2.^o andar. — Braga 4 de Fevereiro de 1876.

Francisco da Silva Araujo
João Carlos Pereira Lobato
José Alves de Moura.

(179) (2963)

BANCO MERCANTIL DE BRAGA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

São convidados os srs. accionistas d'este Banco a realizarem a quinta e ultima prestação de 20 p. c. ou 10\$000 rs. por acção desde o dia 20 até 29 de fevereiro proximo, em Braga na sede do Banco, e no Porto na agencia Praça de D. Pedro n.º 22.

A este mesmo acto serão trocados os titulos provisorios por um documento declarando cada sr. accionista se deseja as suas acções, ao portador, ou averbadas, devendo n'este ultimo caso indicar tambem o nome da pessoa ou pessoas a quem se deve fazer o averbamento.

Braga 26 de janeiro de 1876.

Pelo Banco Mercantil de Braga

Os directores

José Antonio Rebello da Silva
João da Costa Palmeira
José Joaquim Lopes Cardoso. (178)

Banco Mercantil de Braga

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Previniem-se os poucos srs. accionistas d'este banco, possuidores de acções, apenas com a primeira entrada, de que estas lhes serão annulladas não tendo satisfeito a importancia da 2.^a prestação e juros respectivos até ao dia 15 do corrente, em conformidade com as disposições do artigo 17 e seus §§ dos Estatutos, pela execução do qual a direcção é a unica e immediatamente responsavel para com o banco, como mandataria d'este e que por tanto fará cumprir na sua integra.

Pode effectuar-se o referido pagamento nos seguintes locais:

Em Braga—no edificio do banco, rua Nova de Sousa n.º 19.

No Porto—na sua agencia, praça de D. Pedro n.º 22.

Braga e Banco Mercantil 1 de Fevereiro de 1876.

Pelo Banco Mercantil de Braga

Os directores

José Joaquim Lopes Cardoso
João da Costa Palmeira
José Antonio Rebello da Silva. (180)

Rua Nova de Sousa n.º 5.

José Antonio Gomes Ferreira, successor do LOUREIRO, tem grande porção de latão e cobre velho proprio para fundição, que vende por preço barato. (2951)

A OPERARIA



GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DE

K. GUICHARD

Construidas por H. J. Petit, de Bruxellas

13—Praça de Carlos Alberto—14

PORTO.

N'este estabelecimento encontra-se á venda um grande sortimento de machinas de costura; para familias e costureiras, proprias para todo o trabalho de obra branca e fina de côr. Para alfaiates, estofadores, chapelleiros etc.: podendo executar toda a obra de panno e couro fino. De lançadeira grande (levando 300 metros de fio.) Para calçado, correames, arreios etc. De braço, especificas para calçado, podendo metter elasticos e fazer toda a sorte de concertos.—Portateis, de mover á mão, podendo tambem funcionar com pedal, muito convenientes para familias. De bordar, executando admiravelmente toda a qualidade de bordados, a branco e côres, em relevo etc.; proprias para modistas, costureiras, estofadores, corrieiros: esta machina, uma das maravilhas da industria moderna, póde fazer a fortuna da pessoa que a possuir. De cravar calçado, que em poucos minutos cravam, parafusando com toda a segurança, um par de calçado. O resultado d'este trabalho é muito superior ao actualmente adoptado. De lavar, indispensaveis ao uso domestico, recomendaveis pela economia que resulta, não só da lavagem, como da conservação da roupa. Todas estas machinas são acompanhadas de um completo sortimento de accessorios que facilitam a execução de todas as obras.

Garante-se a perfeição e duração de todas as machinas vendidas, e attendendo-se ao perfeito trabalho e á solidez da sua construcção póde affcutamente asseverar-se que não tem rival na modicidade dos preços. A fim de proporcionar aos compradores todas as vantagens, esta casa não só facilita o pagamento por prestações, mas tambem a aprendizagem, para o que fez vir do estrangeiro um artista perfeito conhecedor do machinismo, e duas senhoras, para praticamente darem as necessarias explicações. Ha completo sortimento de algodões, linhas, lãs e sedas, em todas as côres, para bordados e costura, assim como todos os accessorios e peças sobreselentes para as diversas machinas. Qualquer concerto de que necessitem as machinas vendidas n'este estabelecimento será feito immediatamente e com toda a perfeição. Executa-se a preço modico qualquer obra de bordados para modistas, estofadores, alfaiates, etc.

Este estabelecimento tem o exclusivo da importação, das machinas d'este auctor em Portugal.

Faz-se abatimento a quem comprar por atacado.

Deposito em Braga, em casa dos srs. Almeida & Pereira. (2904)

Companhia Geral Bracarense.

No dia 21 do corrente principia a pagar-se, no escriptorio da Companhia, o dividendo do anno de 1875, á rasão de 5 p. c. ou 1\$250 reis por acção.

O pagamento terá logar, sómente, ás segundas, quartas e sextas feiras seguintes, desde as 10 horas da manhã até á 4 da tarde.

Braga, 4 de Fevereiro de 1876.

Os directores da Companhia Geral Bracarense.

Henrique Freire d'Andrade.
(2964) José Ferreira de Magalhães.